

A representação do idoso segregado em *Viagem a Petrópolis*, de Clarice Lispector

Gabriela Quatrin Marzari[©]

Abstract^{*}

Considering old people situation nowadays, it is possible to assert that oldness has affected their social condition as members of a specific cultural context. In a way, physical changes, which are the result of aging and which interfere in old people's behavior, constitute a cause of discrimination in relation to the innovating setting they belong to. Based on Clarice Lispector's short-story, entitled Viagem a Petrópolis, one can apprehend the stereotype of old people who are rejected by their own socio-cultural context. As a result of that, they are always trying to find a piece of time which really belongs to them and which could bring them some pleasure, using memory to achieve this purpose. What is more, old people, represented here by the main character named Mocinha, are deeply stigmatized by younger ones and considered totally unable to take part in any sort of social issues. For that reason, they are judged as people without a social function which could preserve their social identity. So, as a victim of scorn, Mocinha reminds us of those people who are at the edge of social relationships and aspire to worthier treatment by the others.

Resumo

Considerando a situação atual do idoso, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta a sua condição de relacionamento enquanto ser social. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem nas atividades dos idosos, constituem um fator de discriminação frente à cultura inovadora a que pertencem. A partir do conto de Clarice Lispector, *Viagem a Petrópolis*, pode-se apreender o estereótipo do idoso rejeitado pelo seu próprio meio e, por conseguinte, em busca de um espaço temporal que lhe pertence, que possivelmente lhe traga satisfação, através do ato de recordar. Além disso, essa classe, representada no texto pela personagem Mocinha, profundamente estigmatizada pelos mais jovens, é tida como incapaz e, por isso, sem um papel que lhe assegure uma identidade social. Portanto,

vítima de descaso, Mocinha traduz o indivíduo à margem da sociedade e que aspira continuamente a um tratamento mais digno por parte de seus semelhantes.

O aumento da população idosa no Brasil, fenômeno que ocorre praticamente em todo o mundo, tem sido motivo de preocupação por parte de pesquisadores e demais membros envolvidos nessa questão social. O diretor da Unidade de Envelhecimento da ONU, Alexander Sidorenko¹, adverte que a velhice é uma das principais questões socioeconômicas a serem enfrentadas no próximo milênio. Isso porque, conforme estatísticas apresentadas pela ONU, a partir do ano 2000, o número de pessoas, em todo o mundo, com mais de oitenta anos terá aumentado em 54%, em comparação com as décadas de oitenta e noventa. Devido ao crescimento dessa faixa da população, o custo social aumentará gradativamente, uma vez que o idoso, limitado quanto à sua capacidade biológica, reduz a sua força de trabalho de maneira considerável e produz pouco, ou deixa de o fazer por completo. Conseqüentemente, à perda de participação produtiva segue-se a do poder aquisitivo, o que representa uma "ameaça" para o mundo capitalista, centrado na alta produtividade, no consumismo desmedido e no lucro imediato. Neste sentido, a velhice constitui uma fase da vida caracterizada basicamente pela rejeição e pelas perdas, conforme atesta Magalhães (1987):

... a perda de autoridade na família coincide com o período de aposentadoria no trabalho e de redução da renda. Perda de participação produtiva, do poder aquisitivo e da

^{*} Graduanda do 5º semestre do Curso de Letras da UFSM. Trabalho apresentado à disciplina de Literatura Brasileira III/TV 2021.

¹ São Paulo - Os dados são da Organização das Nações Unidas (ONU) - Envelhecimento mundial exige mais atenção - 06/abril/97 - fonte: Cleide Cavalcante Home AÉ/Índice 2000.

De acordo com alguns dados apresentados pelo pesquisador Luís Ramos³, em seu trabalho intitulado "A Explosão Demográfica da Terceira Idade no Brasil: Uma Questão de Saúde Pública", o Brasil será, nos próximos vinte anos, o sexto país do mundo com maior número de idosos. Segundo Ramos, haverá cerca de trinta milhões de pessoas com idade superior a sessenta anos. O que realmente preocupa é o fato de que num país subdesenvolvido, como é o caso do Brasil, os recursos humanos e materiais são insuficientes para atender às necessidades básicas dessa faixa etária e lhe garantir uma vida digna. Isso porque, embora representem, atualmente, uma pequena parcela da população, consomem cerca de cinquenta por cento dos recursos de saúde em seus tratamentos.

Diante desses dados, observa-se que a idade vem se constituindo num fator crescente de discriminação social. Tidos como pessoas inadaptáveis à cultura inovadora - produtivista e consumista - e fisicamente incapazes, os idosos não condizem com as exigências do sistema de produção atual e, por isso, são excluídos do universo capitalista, dominado pelos mais jovens. Tal constatação encontra respaldo no testemunho de May (1994), conforme atesta a seguinte passagem:

*O processo de marginalização do idoso tem origem na perda gradual de seus papéis e funções sociais, na diminuição de seu relacionamento social, na ausência de aspirações culturais e de responsabilidades definidas.*⁴

Por outro lado, Kehl (1990) argumenta que o fato de o idoso decair em sua potência biológica não quer dizer que ele tenha que declinar psiquicamente, emocionalmente ou mesmo intelectualmente, visto que a velhice constitui um destino do indivíduo, uma categoria social, uma etapa mais do que natural, presente na existência de todo ser humano, portanto.

No conto *Viagem a Petrópolis*, de Clarice Lispector, a protagonista representa o idoso desprezado pelo contexto social ao qual pertence. Margarida ou Mocinha, como a personagem automeia-se, é uma senhora idosa

e pobre, que se mantém graças à ajuda alheia. Além disso, conforme expressa a seguinte citação, Mocinha parece estar constantemente imersa no mundo das recordações, onde ela encontra sua verdadeira identidade.

*Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida.*⁵

Ainda considerando a passagem anteriormente descrita, Mocinha lembra o idoso solitário, privado de relações afetivas por parte da comunidade em que está inserido, ou da própria família, condenado, portanto, a uma vida isolada e introspectiva, repleta de acontecimentos passados, que retornam insistentemente ao seu pensamento.

Muitas vezes, no entanto, a introspecção representa uma ameaça para o idoso, que ignora as relações sociais existentes porque se considera incapaz de interagir no contexto do qual é parte, revoltando-se contra si mesmo como consequência. Essa constatação pode ser verificada na passagem que segue:

*... desprovidos de quaisquer possibilidades de reação física contra a segregação, eles se recolhem ao mutismo, quando não à revolta interior (de vez que a exterior pouco ou nada significaria para a comunidade familiar, onde perderam definitivamente sua vez no diálogo).*⁶

Conforme referido anteriormente, Mocinha representa o idoso rejeitado pelo seu meio, na medida em que não encontra qualquer espaço capaz de lhe oferecer condições humanas de sobrevivência, materiais e afetivas, onde possa se estabelecer. Fazia já algum tempo, no entanto, que Mocinha dormia no quarto dos fundos de uma grande casa, em Botafogo. A família não se importava com isso porque não se lembrava da velhinha. Contudo, ao perceber a sua permanência, logo encontrou uma maneira de se desfazer dela, visto que sua presença se tornara importuna:

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais." (...) "...uma das moças da

² Magalhães, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. 1987. p. 116

³ Fonte: Cleide Cavalcante Home: AE/Índice 2000.

⁴ May, Maira Adam. *A visão do jovem sobre a terceira idade*. 1994.

⁵ Lispector, Clarice. *A legião estrangeira*. 1999. p. 57

⁶ Preti, Dino. *A linguagem dos idosos*. 1991. p. 25

casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo.⁷

Todos na família eram pessoas muito ocupadas, que não podiam perder tempo com banalidades. Esqueciam-se da velha porque ela representava alguém incapaz de trazer qualquer benefício à família, sendo sua presença insignificante e perfeitamente dispensável. Ela, apesar desse descaso, submetia-se às ordens daqueles que lhe prestavam algum tipo de ajuda, pois estava sozinha no mundo e não tinha onde ficar.

Decidiram que a velha deveria morar na casa de Arnaldo e da cunhada alemã, em Petrópolis. Sem condições de contrariar a ordem, Mocinha aceitou passivamente a decisão da família. Fisicamente frágil e indefesa, conformava-se com o tratamento estigmatizador que lhe era destinado, constituindo, deste modo, o estereótipo do idoso em conflito com o seu meio e determinado por ele.

A submissão de Mocinha frente a imposições de pessoas praticamente desconhecidas e mais jovens do que ela representa a ausência de uma função social, condição esta inerente ao idoso, resultante de um intenso processo discriminatório, que poderia lhe assegurar uma identidade social. Neste sentido, conforme atesta a citação seguinte, o idoso, pelo fato de não atender às exigências do meio capitalista de produção, está condenado a uma condição de vida carente, tanto em termos materiais quanto sociais, o que acaba por ameaçar seus vínculos afetivos em geral, levando-o à reclusão e à perda de identidade.

À perda do poder aquisitivo soma-se a perda das estruturas da sociabilidade centradas no trabalho, na família e secundariamente nas relações de vizinhança, sobretudo as de lazer.⁸

Certo dia, enquanto viajava para Petrópolis, Mocinha tentava recordar acontecimentos passados, uma vez que, através deles, conseguia identificar-se com um espaço temporal que lhe pertencia e encontrar razões para superar o estado de rejeição do qual era vítima. Obstinadamente, a velhinha buscava a imagem do marido "em mangas de camisa" e dos filhos que tiveram, Maria Rosa e Rafael. Neste sentido, conforme descreve Lispector (1999:61): "As lembranças quase lhe arrancavam uma

exclamação". Na verdade, Mocinha parecia querer encontrar, no "seu" tempo, algo que o presente não podia lhe oferecer.

A partir da citação seguinte, extraída da obra de Bosi, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1979), pode-se concluir que o desejo de Mocinha em remontar sua história, através das lembranças que guardava da família, surge quase como uma necessidade no mundo do idoso.

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar.⁹

Além disso, conforme expressa Bosi, em outra passagem, o ato de recordar não constitui apenas um meio capaz de devolver ao idoso a importância que outrora lhe era devida, mas representa uma característica inerente à sua condição, à sua atitude com relação ao existir.

Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro.¹⁰

Na maioria das vezes, sem compreender a realidade circundante, o idoso busca, no seu tempo, a solução para os problemas do presente e tenta, na medida do possível, encontrar nele sentimentos e emoções que o contexto atual não lhe proporciona. Nesse aspecto, há uma ruptura entre a experiência de vida desse idoso e o mundo que o cerca, em constante transformação. A partir de então, ele passa a idealizar o seu tempo, uma vez que consegue compreendê-lo perfeitamente e nele se sente adaptado.

... as pessoas idosas (...) começam a tentar preservar uma fantasia, a fantasia de que elas se sentem seguras no seu tempo e então vão fazer o seu tempo valer.¹¹

A inadequação do idoso frente a um contexto caracterizado pelas constantes e diversas evoluções deve-se também, e principalmente, à maneira como os jovens o consideram. Na frase que segue, Lispector

⁷ Lispector, Clarice. *Op. cit.* p. 58.

⁸ Miranda, Danilo Santos de. "Trinta anos de trabalho social com idosos". *A terceira idade*. 1994. p. 7.

⁹ Bosi, Eclêa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 1979. p. 23.

¹⁰ *idem*, *ibidem*, p. 41.

¹¹ Kehl, Maria Rita. "Conflito de Gerações: Interação x Ruptura". *A terceira idade*. 1990. p. 18.

(1999:61) descreve a maneira com duas moças falam de Mocinha, utilizando um tom irônico e, ao mesmo tempo, discriminatório: “– Ah, obrigada, um presente desses eu rejeito!” Essa inferência pode ser reforçada pelo testemunho de Preti (1991):

De fato, pode-se afirmar que os velhos constituem, mais do que uma simples faixa etária, uma verdadeira ‘categoria social’ da população, profundamente estigmatizada, por oposição à categoria dos ‘jovens’.¹²

E Magalhães (1987) acrescenta:

O conflito geracional que em nosso país é muito mais distanciamento do que conflito, tem suas raízes na descontinuidade da cultura, produzida pelos sistemas de produção e pela estrutura de classes e grupos sociais correspondentes. (...) A descontinuidade disfuncionaliza o papel da velhice de ser memória e repositório da experiência social. (...) O pensamento que refaz lembranças se atrofia e com ele atrofia e isola o idoso e a velhice.¹³

Ao chegarem em Petrópolis, Mocinha recebeu novas ordens e aceitou-as sem questionar. Sentindo que estava sozinha mais uma vez, esperou algum tempo até compreender o que se passava e partiu, como lhe fora determinado, à procura de Arnaldo. Seguindo as explicações que lhe foram dadas, a velhinha encontrou a casa de Arnaldo, porém ele não estava naquele momento e quem a recebeu foi a “cunhada alemã”. Esta, juntamente com o filho, desfrutava de uma mesa farta, enquanto Mocinha apenas observava de longe. Por um momento, a aparência da velha inspirou desconfiança à mulher que já não acreditara na sua história. “O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova”.¹⁴ Essa passagem reforça a idéia de que, em sociedades capitalistas e altamente competitivas, as pessoas são julgadas conforme a aparência, isto é, conforme aquilo que têm e pelo que realmente são. Neste sentido, Mocinha, além de ser uma pessoa pobre, é também marcada pela idade, o que intensifica ainda mais a sua discriminação social. Considerando as conclusões anteriores e a passagem que segue, pode-se dizer que Mocinha sofre uma dupla rejeição: por ser pobre e por ter se tornado uma pessoa idosa.

...– mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva.¹⁵

Segundo Sebastian, Ryan e Abbott (apud Preti, 1991), a partir de pesquisas realizadas nos Estados Unidos, constatou-se que os jovens sempre associaram os idosos a características negativas, incluindo aqui o fator pobreza.

Além disso, foi comprovado que os jovens associavam sempre os idosos a pessoas fisicamente incapazes, menos inteligentes, deficientes quanto ao nível educacional e de baixo status financeiro, atributos que os tornavam incompatíveis com a sociedade (notadamente a dos grandes centros urbanos), onde preponderam valores como inteligência, sucesso pessoal, ambição, atividade, saúde física, independência.¹⁶

Enquanto Mocinha aguardava pacientemente a chegada de Arnaldo, a alemã mostrava-se indiferente para com ela, parecendo não se importar com a sua situação. Então, subitamente, a idéia de rejeição veio à mente de Mocinha, mas logo foi desfeita. “O que fazia naquela casa? Mandavam-na à toa de um lado para outro, mas ela contaria tudo, iam ver. Sorriu encabulada: não contaria era nada, pois o que queria mesmo era café.”¹⁷

Observa-se, com isso, um receio por parte do idoso em tentar modificar o conceito de velhice sustentado pelos jovens, talvez por julgar-se incapaz de protestar diante de uma idéia que já foi internalizada e admitida como correta em nossa sociedade. Segundo Preti (1991),

Gradativamente, pois, a segregação do idoso, que não tem função na vida dos grandes centros urbanos, passa a ser aceita como um novo comportamento cultural, tolerado pela família, incentivado pela sociedade e até admitido como uma necessidade, sob o argumento simplista de que ‘os mais jovens também precisam viver sua vida’ ou de que ‘os velhos já viveram a sua’.¹⁸

Quando Arnaldo chegou, falou com a

¹² Preti, Dino. Op. cit. p. 22

¹³ Magalhães, Dirceu Nogueira. Op. cit. p. 52

¹⁴ Lispector, Clarice. Op. cit. p. 62

¹⁵ idem, ibidem, p. 59

¹⁶ Preti, Dino. Op. cit.

¹⁷ Lispector, Clarice. Op. cit. p. 62

¹⁸ Preti, Dino. Op. cit. p. 25

mulher e depois “informou firme e curioso para Mocinha: - Não pode ser não, aqui não tem lugar não.”¹⁹ Ao observar que a velha não reagia e continuava sorrindo para ele, Arnaldo irritou-se e falou mais alto, reforçando a idéia de que sua casa não era um asilo e, por isso, não tinha lugar para abrigar idosos. Nessa passagem, a sujeição de Mocinha torna-se ainda maior. Apesar de não saber para onde ir e receber rígidas ordens de uma pessoa que nunca vira anteriormente, mantém-se sentada, com um “sorriso malicioso” a contemplar o rosto de Arnaldo. Este, não suportando mais a presença da velha, resolve lhe dar dinheiro para retornar ao Rio, para a casa de sua mãe. À atitude de Arnaldo assemelham-se tantas outras. Os recursos materiais são vistos, muitas vezes, como uma maneira de suprir a carência afetiva por que passa o idoso, sempre em busca de atenção e compreensão por parte dos mais jovens.

*É agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!*²⁰

Comprometida pela idade, Mocinha não tinha condições físicas e psicológicas para protestar diante do destino que lhe atormentava: “... a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros.”²¹ Então, ela obedeceu passivamente às imposições de Arnaldo, pegou o dinheiro que ele lhe ofereceu e, por fim, agradeceu: “- Obrigada, Deus lhe ajude.”

Novamente, Mocinha partiu em busca de uma caridade qualquer. Durante sua caminhada, entretanto, surgiram outras lembranças. Ao ver um homem passar, recordou sua própria imagem (“... viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos.”) e sentiu saudade daquele tempo (“A sede voltou-lhe, queimando a garganta”).

Enquanto recordava o passado, caminhou até um chafariz que, de longe, avistara e “brincou” com alguns fios de água. Depois, como estava cansada, resolveu encostar a cabeça no tronco de uma árvore e, sozinha, morreu.

A indiferença e a segregação sofridas pelo idoso somam-se fatores de ordem biológica que contribuem

consideravelmente para que se desfaça, de maneira progressiva, sua imagem de sujeito social, ocasionando uma indefinição quanto à sua função na comunidade da qual faz parte. “Ele se vê perdido completamente, sem saber para onde ir, em quem se apoiar. Ele se sente despersonalizado, a vida para ele perde todo o sentido. Ele tem a sensação de um profundo vazio...”²²

Observa-se que os fatores psicofísicos ou naturais e socioculturais atuam sobre o idoso de maneira a prejudicar o seu relacionamento com os demais indivíduos do meio social ao qual pertence. Segundo Preti (1991):

Um homem, ao atingir essa fase da vida, passa por um processo de transformação, em relação à sua imagem no meio em que vive. Perde sua própria identidade: um velho, perante a sociedade e o grupo jovem, não tem mais nome nem profissão, muito menos status. Torna-se simplesmente ‘um velho’, um homem em busca de um novo papel social, que sempre se lhe afigurará indefinido.”²³

Portanto, Mocinha representa o idoso indefeso física e psicologicamente, discriminado socialmente e profundamente marginalizado, além de estar impossibilitado de reagir diante dessa situação.

Confrontando ao conceito atual que se tem de velhice, Gidra (1991) faz uma breve explanação sobre como deveria ser entendida esta fase da vida por que passa todo o ser humano:

A velhice deveria ser (ou é) aquela fase onde o indivíduo já está com os olhos mais livres e o coração mais aberto frente às pessoas e às coisas. Por ter passado uma série de experiências, o idoso adquiriu uma nova percepção da vida, podendo senti-la de uma maneira forte e sábia. Por isso mesmo tem a possibilidade de criar o seu espaço e dele usufruir graças à sua grande capacidade de discernimento. Este é o grande segredo. Esta é a grande saída para o idoso nesta sociedade que insiste em programar cada vez mais sua segregação e marginalização.”²⁴

Referências bibliográficas

BOSI, Eclêa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quatro, 1979.

¹⁹ Linspector, Clarice. Op. cit. p. 63

²⁰ Linspector, Clarice. Op. cit. p. 63

²¹ Idem, ibidem, p. 63

²² Gidra, Gilberto. “Comunicação com o consumidor da terceira idade”. *A terceira idade*. 1991. p. 41

²³ Preti, Dina. Op. cit. p. 22

²⁴ Gidra, Gilberto. Op. cit. p. 43

-
- GIDRA, Gilberto. Comunicação com o consumidor da terceira idade. *A terceira idade*. São Paulo: SESC, n. 5, p.31-43, dez. 1991.
- KEHL, Maria Rita. Conflito de Gerações: Integração x Ruptura. *A terceira idade*. São Paulo: SESC, n. 3, p.15-22, dez. 1990.
- LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Editora Papagaio, 1987.
- MAY, Maira Adam. *A visão do jovem sobre a terceira idade*. Monografia de especialização. Santa Maria: UFSM, 1994.
- MIRANDA, Danilo Santos de. Trinta anos de trabalho social com idosos. *A terceira idade*. São Paulo: SESC, n. 9, p. 5-8, dez. 1994.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

<http://www.icb.ufmg.br/lpi/revista/monografia4/cap6.html>

<http://www1.agedado.com.br/2000/velho.htm>

[Cleide Cavalcante Home AE/Índice 2000](#)